



Violência na Mídia: suas Diversas Facetas no Jornal da Alterosa¹

José Eduardo da Costa Pereira Brum²
Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

Este artigo busca analisar a violência na mídia juizforana, utilizando um telejornal local, o *Jornal da Alterosa* – edição regional, como estudo de caso, porque sempre trouxe esta temática em suas matérias e reportagens. Observando a trajetória da emissora e as influências sofridas, a sua programação jornalística foi avaliada para perceber como interfere na forma como o telespectador percebe a cidade.

Palavras-chave

Telejornalismo; violência; identidade; mídia; cidade.

Introdução

A violência e a mídia são dois temas que andam sempre juntos. Atingimos um estágio de comunicação, no qual a violência é pautada pela mídia, assim como esta se beneficia com a grande enxurrada de casos e problemas. Co-dependentes, uma precisa da outra, no seu dia-a-dia. É uma lógica simples: as questões de violência atraem os telespectadores e isso faz com que a audiência suba (pensando somente no veículo televisão); e a cobertura jornalística contribui para que o estado de medo permaneça entre as pessoas. É interessante notar que esta sensação varia entre os telespectadores. Kleber Mendonça comenta que algumas pesquisas “(...) percebem o quanto as classes mais abastadas – e menos sujeitas à violência – são as que mais sentem insegurança, enquanto as classes mais baixas – campeãs nas estatísticas policiais – reclamam menos da sensação de insegurança pública”(2002, p.50). Mesmo que haja essa variação, a mídia continua construindo estereótipos, principalmente do criminoso perigoso, que se sedimentam em nossa realidade. Assim,

no contexto contemporâneo, onde parte da população não convive diretamente com a violência, mas sim com a sua intensa e exaustiva divulgação nos meios de comunicação, ampliando os seus efeitos e criando um relativo aumento da consciência dos riscos e das violências que são ameaçadoras, a violência passa a ser também um sentimento. O sentimento de estar exposto, fragilizado, expressa uma subjetividade que é resultado da violência real (DORNELLES, 2002, p.123).

¹ Trabalho apresentado na sessão Jornalismo e Editoração da Intercom Júnior - Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação do 7º. período e bolsista voluntário do projeto *Televisão e imaginário urbano: as narrativas no espaço dos telejornais*, financiado pela Fapemig e orientado pela professora Dr. Christina Ferraz Musse. Tem como objetivo analisar como a TV mostra a cidade de Juiz de Fora. Email: zedu@acessa.com



A TV se torna personagem principal. Tanto nos seus produtos ficcionais, quanto nos telejornais, a violência suscita debates e discussões. Afinal, quem não se lembra da comoção nacional pela morte da personagem Fernanda, interpretada por Vanessa Gerbelli, que era a mãe da adorável Salete (Bruna Marquezine) por causa de uma bala perdida em *Mulheres Apaixonadas*³? E, hoje, que pessoa não sabe quem é o casal Nardoni⁴? Ambos os exemplos retratam o fim da família devido à violência externa (caso da novela) e a interna (quando ela está de baixo do mesmo teto, do seu próprio lado). Eles mostram que, embora seja um veículo novo, a televisão conseguiu penetrar e envolver a sociedade com sua programação. Por ter uma linguagem simples e fácil, a TV contribui na distração e informação das pessoas através das imagens que já estão finalizadas. Ou seja, uma realidade “pronta” é apresentada no momento em que você assiste. Como bem explicitou Ciro Marcondes Filho, a TV e o telejornal possuem uma forma de comunicação *totalizadora*, pois “(...) não influem na criatividade do receptor, uma vez que lhe fornecem cenários completos, prontos, terminados. A possibilidade imaginária fica reduzida e, conforme o caso, tende à retração.” (MARCONDES FILHO, 1988, p.27).

Observando este quadro que acontece em nível nacional, percebemos como a forma de concepção das notícias é de grande importância para a sociedade e para a comunicação. A maneira como os acontecimentos são transmitidos cria repercussões em longo prazo entre as pessoas, porque passa a fomentar a realidade que as permeia. “Nos jornais, na televisão, no cinema, em todas as instâncias, a violência está tão presente nas situações comunicativas da mídia contemporânea que se apresenta como obsessão temática” (CONTRERA, 2002, p.89). Dessa forma, a análise de um telejornal local, o *Jornal da Alterosa (JA)* – edição regional, apresentado de segunda a sábado, veiculado pelo SBT, com 25 minutos de duração (que equivalem a mais ou menos 20 minutos de material jornalístico) se tornou o nosso objeto de estudo que nos guiará para identificarmos se existe um modo de espetacularização ou uma busca por questionamento. Queremos perceber se o jornalismo da TV Alterosa distorce, amplia ou transmite fielmente os acontecimentos violentos que nos perseguem seja no dia-a-dia,

³ Telenovela de Manoel Carlos exibida de 17 de fevereiro a 10 de outubro de 2003 às 21 horas pela Rede Globo que retratava o cotidiano carioca através de histórias polêmicas e atuais como a violência, o descaso aos mais velhos e o amor doentio.

⁴ Casal suspeito de matar a própria filha no dia 29 de março de 2008. Eles a teriam jogado pela janela do apartamento onde moravam no sexto andar. Este caso teve grande repercussão na mídia e criou uma comoção nacional.



seja no imaginário. Isto, porque ao longo de seus quase dez anos de atividade, a violência surgiu de diversas formas, foi mais intensa, diminuiu, ganhou mais destaque, foi deixada de lado, mas nunca perdeu espaço na grade da emissora.

O Jornal da Alterosa

Juiz de Fora foi a primeira cidade do interior a possuir uma emissora de televisão geradora. Em julho de 1964, entrava no ar a TV Industrial. A professora Iluska Coutinho em suas pesquisas identificou que

para focalizar o local, naquela época, 80% da programação era produzida dentro dos estúdios da TV Industrial, enquanto o restante do tempo era reservado para a projeção de filmes. Em sua programação havia programas educativos, jornalísticos e de auditório, em sua maioria com transmissão ao vivo. O resultado da narrativa em transmissão direta era a identificação do público com a TV, especialmente os telespectadores de classes menos favorecidas (COUTINHO, 2005, p.3 e p.4).

Porém, os gastos foram grandes e a TV Industrial foi vendida quase vinte anos depois para a Rede Globo que logo implantou um caráter mais nacional.

Em 1990, A TV Tiradentes entra no ar retomando a estética regional. De início, ela chamou atenção por ressaltar os acontecimentos locais, o que acabou “incomodando” a TV Globo. Álvaro Americano, professor da UFJF, foi repórter cinematográfico no surgimento da Tiradentes. Ele lembra que

a Globo na época tinha feito uma opção por um jornalismo mais globalizado, achava que tinha que diminuir a equipe e eu acabei saindo com a redução dessa equipe. E a Tiradentes foi o contrário, veio com a proposta de um jornalismo local (...) Mas rapidamente teve uma inserção muito grande na cidade. As pessoas começaram a gostar muito da TV Tiradentes porque viam nela a cara da cidade, porque a gente cobria especificamente a cidade. Qualquer coisa a gente ia e começamos a chegar antes do pessoal da Globo (...) (AMERICANO, 2008).

Por quase uma década, a TV Tiradentes passou pelas redes SBT, Record e Bandeirantes, até que foi comprada, em 1999, pela TV Alterosa de Belo Horizonte, afiliada ao SBT. No período de transição, quase nada foi aproveitado. Poucos profissionais foram contratados e somente a parte técnica de transmissão e retransmissão foi mantida. Comparados os inícios de cada emissora, percebemos que um caminho inverso foi trilhado: enquanto no começo da TV Tiradentes, havia uma equipe grande e uma maior quantidade de programação local e de cobertura jornalística; a TV Alterosa optou por um modelo “enxuto” de jornalismo, preservando a lógica capitalista na qual se deve fazer muito e gastar pouco, para aumentar os lucros.



A violência na grade de programação

As mudanças foram muitas no telejornalismo do *Jornal da Alterosa*. No princípio, o *JA* deixou de lado algumas características do *Jornal Tiradentes*, como a linha regional. Tentou-se implantar um modelo de Belo Horizonte, que não logrou sucesso.

A TV Alterosa, ela tem uma visão e um orgulho muito grande de ser mineira, e queria implantar essa cultura mineira em Juiz de Fora. E a única cidade, que não absorveu bem isso, foi exatamente Juiz de Fora por essa cultura do Rio de Janeiro. (...) A gente viu essa realidade, mas mesmo assim, durante dois anos, a gente tentou o tempo inteiro, colocar aquele jeitinho mineiro de falar, de trazer a matéria. Até as matérias de outras regiões de Minas não tinham grande aceitação aqui. O pessoal queria saber mais do Rio de Janeiro, Flamengo, Vasco, Botafogo, essas coisas. Não tinha interesse nenhum, então, essa foi a principal dificuldade: era uma empresa mineira, genuinamente mineira, que queria implantar uma cultura de minas, mas numa cidade que se considera quase carioca (SANTOS, 2008).

Percebida a dificuldade, voltaram a focar na regionalização. Ao todo são 128 cidades cobertas pela TV Alterosa, contudo o enfoque recai mais sobre Juiz de Fora, por seu posicionamento de destaque na Zona da Mata⁵. Mesmo assim, existe uma meta a ser cumprida: visitar metade dessas cidades em seis meses. Porém, quando existe a impossibilidade de deslocamento, apela-se para as notas-secas que são as notícias lidas pelo apresentador, sem que alguma imagem apareça. A editora do *Jornal da Alterosa* Gilze Bara explica que “para a gente suprir a deficiência de não poder estar presente nesses 127 municípios com frequência, a gente dá muita nota do que aconteceu” (BARA, 2008). Nessa grande quantidade de notas-secas, percebemos que a violência é o assunto de quase todas. Basicamente são as notícias oferecidas pelas Polícias Militar e Rodoviária que mais são veiculadas desta forma.

Se a linguagem não conseguiu ser reformulada, o mesmo não se pode dizer da imagem. As matérias ganharam uma particularidade: o plano-sequência, modalidade na qual o repórter narra aos espectadores o fato ocorrido, utilizando uma visão subjetiva da câmera. A apresentadora e produtora, Gesane Lucchesi, conta que

(...) não estava aqui, mas desde quando começou, era muito ronda policial, o pessoal ficava na delegacia. Eram aquelas matérias de plano. As pessoas andam contando o que estava acontecendo. E depois a gente mudou isso um pouco para ter as reportagens, diferenciar um pouco mais. Porque eu acho que dá uma

⁵ Localizada no sudeste mineiro, a Zona da Mata é formada por oito microrregiões e 143 municípios.



qualidade melhor, se não fica aquela coisa muito estilo *Aqui Agora*⁶ (LUCCHESI, 2008).

Mesmo havendo uma negação por parte da TV Panorama, o enfoque na violência acabou influenciando o jornalismo da afiliada à Rede Globo. Uma das produtoras do *MGTV* Ana Luisa Damasceno conta que, em 2001, eles possuíam um repórter e um cinegrafista que “iam para a delegacia, fazer matéria de polícia sem pauta. Eles chegavam, viam o que estava acontecendo e corriam atrás” (DAMASCENO, 2008). Se a concorrente ganhava audiência com a violência, eles passaram também a explorar esta temática.

Este estilo do *JA* fazia com que as pessoas se envolvessem, pois, “mais do que o fato de ser polissêmica (ou seja, de possuir várias significações), o que caracteriza a imagem é sua incompletude, diante da qual o sujeito é chamado a dar sentidos” (MENDONÇA, 2002, p.43). Sendo assim, este universo imagético ajudou a construir o imaginário juizforano.

Além disso, a temática do *Aqui Agora* também foi explorada pelo *Jornal da Alterosa* para se alcançar o público. A violência cria envolvimento, pois o público se aproxima da tragédia e do drama alheios. Esta espetacularização da violência pode ser definida através de três razões: a influência da programação do SBT, a facilidade técnica e o público-alvo.

A *TV Alterosa* surge no momento em que crescem atrações sensacionalistas e melodramáticas como o *Programa do Ratinho*⁷ que trazia sempre brigas e dramas. O SBT sempre foi uma emissora que primou por atingir o popular. Toda a sua programação busca as classes C, D e E (BARA, 2008). Embora não haja a cobrança da matriz em relação ao material que é produzido ou pautado na sua filial juizforana, a influência existe, para que não haja distinções. Afinal, se o *Jornal da Alterosa* está dentro da programação do Sistema Brasileiro de Televisão, ele tem que trazer traços dessa corporação, que ficam evidentes na linguagem simples e de fácil entendimento. O segundo ponto abarca a praticidade. O plano-sequência facilita o processo de edição que não pode ser demorado e trabalhoso numa emissora que contém um número reduzido de

⁶Programa do SBT exibido de maio de 1991 a dezembro de 1997, no fim da tarde. Ele foi um dos mais polêmicos da TV e buscava defender o povo. No entanto, fez sucesso com as histórias policiais narradas em plano-sequência. Seu slogan era “um telejornal vibrante, que mostrava na TV a vida como ela é”. Em março de 2008, ele voltou à grade do SBT.

⁷ Programa do SBT exibido de 1998 a 2006, comandado por Carlos Massa (o Ratinho) com reportagens informativas e de prestação de serviços. Seu estilo era circense, bem alegre e divertido, e recheado de casos populares como os reencontros de familiares e as questões de DNA.



profissionais. O repórter diante das câmeras, contando e explicando, se aproxima do telespectador de classe mais baixa, favorecendo o entendimento deste. A presença do jornalista no local, onde o crime sucedeu, ou onde acontecem as investigações, faz com que surja a credibilidade. Estas duas influências, como já foi percebido, estão ligadas ao ponto que sempre permeou o *JA*: o público. As pautas são definidas pensando nele desde o início (LUCCHESI, 2008). Assim, atinge-se o paradigma televisivo da *popularização*, cunhado por Ciro Marcondes Filho (2002, p.87), que prega a não existência de “nada complexo, complicado e difícil, que dê trabalho ao telespectador. Ela (a TV) não pode contar com a memória do telespectador, com conhecimentos anteriores, com informações armazenadas”.

Critérios de noticiabilidade

No seminário *Mídia e Violência* realizado em julho de 1993 no Rio de Janeiro, alguns pesquisadores discutiram elementos que continuam firme entre nós. Por exemplo, a criminóloga venezuelana, Lolita Aniyar de Castro, disse que “os três grandes vendedores de jornais – sexo, esporte e crime – são fundamentalmente dirigidos para as classes mais baixas, que são as mais atraídas pelas notícias delitivas” (1994, p.91), porque é difícil para uma população desinformada entender os desmembramentos políticos ou as questões complexas da política. Esta tríade está estampada em jornais populares de poucos e míseros centavos que são vendidos e consumidos para a leitura rápida, mas também se enraizou na televisão e nos telejornais. Excetuando-se a questão do sexo, que ocorre em menor escala (pois, são recorrentes o carnaval e as festas que agitam o mundo jovem), percebemos no *Jornal da Alterosa* a existência da violência e do esporte em âmbito local sempre bem explorada.

Analisando somente a questão da violência, encontramos a razão por esse aprofundamento na fala do professor e advogado Nilo Batista que pontuou o princípio da *mais-valia da violência impune* no mesmo seminário.

O caso criminal imediatamente apurado merece menos espaço do que aquele não-apurado. A notícia que contém ao mesmo tempo a ação criminosa e a identificação ou prisão de seu(s) autor(es) perde pontos na classificação editorial. Salvo o caso nos quais peculiaridades dos protagonistas ou do modo de execução permitem a análise extensiva que faz perdurar a imagem da violência, a punição geralmente encerra o interesse jornalístico a violência impune vende mais do que a violência punida (1994, p. 101 e 102)⁸.

⁸ Percebe-se que é este um dos motivos pela grande repercussão do caso Nardoni citado anteriormente.



Dois exemplos comprovam esse tipo de seleção na linha do *Jornal da Alterosa* que busca ampliar o destaque da violência na sua grade.

No feriado de Corpus Christi de 2008, um policial entrou num Parque de Exposições armado, fora do seu período de trabalho. Lá, ele se envolveu numa briga e feriu seis pessoas. Esse fato aconteceu na madrugada de domingo, e, na segunda-feira, o *Jornal da Alterosa* cobriu esse factural, mostrando a dor dos familiares e a prisão do policial (esta imagem foi feita em plano-sequência, com a câmera atrás do acusado, seguindo-o). A partir desse fato, a editora-chefe Gilze Bara lembrou que, um mês atrás, um outro policial, que também não estava a trabalho, se envolveu numa briga, tirou o revólver do carro e matou uma pessoa. “Eu virei e falei ‘eu quero uma matéria disso: policial armado fora do tempo de trabalho. Vamos marcar com algum comandante da PM, com o delegado regional e com um psicólogo’” (2008). Na terça-feira, uma reportagem apurada sobre o assunto entrou no ar, fazendo gancho com a notícia do quadro de saúde das vítimas. Na outra emissora, o telejornal *MGTV – primeira edição*, que vai ao ar depois que o *JA* termina, só se preocupou em passar os dados daqueles que foram baleados.

A apresentadora Gesane Lucchesi, por sua vez, contou a história de pai e filho que foram assassinados no bairro Poço Rico, no centro de Juiz de Fora, dentro de uma banca de jornal. Para ela, a TV teve obrigação de mostrar o caso, porque era um duplo assassinato, em plena luz do dia, num lugar bem movimentado. Porém, a equipe percebeu uma coincidência.

(...) há um mês antes, tinha tido um outro assassinato no mesmo local. ‘Será que o pessoal que passa lá todo dia, que mora ali perto, está assustado?’. Fomos e procuramos a polícia. ‘Vocês estão fazendo alguma coisa pra combater a criminalidade?’. ‘Ah, estamos, a gente está...’. ‘Então vamos mostrar isso’. Então a gente marcou com a polícia de fazer uma matéria mostrando o policiamento deles, e de conversar com a população: ‘Vocês estão assustados? Não, mas a polícia está aqui...’. A gente tenta mostrar os dois lados, mostrando o que aconteceu, o factural, e vamos mostrar o que está acontecendo, a polícia está em cima... (LUCCHESI, 2008).

O assessor de comunicação organizacional da 4ª Região de Polícia Militar (RPM), Edelson Gleik, ressalta que os meios de comunicação se beneficiam dos assuntos policiais, mas que a própria polícia também tira proveito dessa relação.

Normalmente todos os homicídios são manchetes de jornal. Quando o número aumenta, a tendência da mídia é começar a verificar e explorar. E a gente aproveita o espaço da mídia para dar dicas de segurança, por exemplo. Na verdade, há uma interação boa com a mídia (2008).



No livro *Estética da Violência*, Belarmino Cesar Guimarães da Costa nos indica que “a rigor, a definição de notícia está afeta aos princípios de seleção e exclusão. Ressaltar ou desconsiderar aspectos da realidade (...) depende de muitos fatores, entre eles, a subjetividade do profissional, o seu domínio do tema e sua capacidade de reelaborar o fato” (2002, p.146). Baseado nessa idéia, percebemos que a seletividade existe entre os jornalistas do *JA*, já que estes optam de maneira subjetiva por matérias policiais que merecem destaque, excluindo outras, através de razões já discutidas (praticidade na forma de apuração, pois basta um telefonema para a polícia e tem-se uma nota-seca; facilidade de confecção com o uso de plano-sequência; e idéia de que os telespectadores querem ver esse tipo de material). Gesane Lucchesi, que é pauteira e também acumula cargo na apuração, comprova a existência do critério de seleção, ao dizer que “você pega a sinopse policial, e a cada dia tem mais apreensão, de drogas (...). Só que a gente já está perdendo tempo. Eu não vou ficar falando todo dia...” (2008). Evita-se a banalização do tema que só vai aparecer, quando “é, por exemplo, uma tonelada e meia de maconha apreendida, aí não é uma coisa normal. Nós vamos falar, tem que mostrar” (LUCCHESI, 2008). Ela amplia essa questão, quando destaca que

por exemplo, assalto a pedestre. Tem muitos por dia. Só que quando é um que destaca, pegou a mulher e jogou a mulher no chão, aí a gente fala. Poxa, foi com uma senhora, foi com uma mulher, foi durante o dia, tinha um local cheio de gente..., (...) assim dentro disso, alguma coisa que se destaque, que já não tenha sido corriqueira. Não vai ficar todo dia: ‘Ah, prendeu 13 pedras de crack, ah, amanhã são 15, amanhã são 17’. Não. Se for 300 com um adolescente, a gente fala (LUCCHESI, 2008).

Na verdade, isso não se verifica na prática atual. Observando os noticiários diários do *JA*, fica evidente a escolha por incidentes de baixa repercussão através das notas-secas. Mais uma vez, comparando os dois telejornais da cidade, o *MGTV* não divulga alguns acidentes com vítimas leves ou assaltos sem agressão, por exemplo. Já o *Jornal da Alterosa* expõe, no seu segundo bloco, informações sobre essas notícias policiais que não ganham espaço na emissora concorrente. O telejornal exibido no dia 5 de junho de 2008 trouxe cinco notas-secas⁹ com assuntos policiais que não apareceram no outro telejornal.

O público aceita essa escolha, que “apesar de nos trazer uma imagem concreta, não fornece uma reprodução fiel da realidade. Uma reportagem de tevê, com

⁹ Estes foram os assuntos: assassinato em Tocantins (MG), tentativa de agressão a pedestre, roubo seguido de fuga sem suspeitos, decisão do Ministério Público inocentando um acusado de homicídio, e estado de saúde dos baleados na Festa Country.



transmissão direta é o resultado de vários pontos de vista” (MUNIZ SODRÉ, 1985, p.61) que adentram no cotidiano das pessoas e favorecem a elevação da audiência e a credibilidade de um veículo de informação. Dessa forma, “estamos todos acessáveis, mas não escapamos à violência; é um paradoxo, mas talvez justamente por estarmos assim tão acessáveis é que estejamos tão sujeitos a ela” (CONTRERA, 2002, p.94).

Modelos televisivos

Juiz de Fora, como toda a cidade, está se modificando. Ela cresce, se expande e amplia seu papel de destaque na Zona da Mata. No entanto, sofre a influência de outros grandes centros como o Rio de Janeiro, posicionamento defendido pela apresentadora Gesane Lucchesi, pois o retrato violento de outras cidades em nível nacional acaba interferindo na forma do telejornalismo local e principalmente no telespectador. “Pelo seu caráter imediatista, a TV não tem possibilidade de discorrer longamente sobre as matérias, nem de diversificar muito seus temas, ou de tomar mais tempo do receptor” (MARCONDES FILHO, 1988, p.21). Assim, ela se agarra a um padrão já definido e trabalhado e o utiliza em seu meio regional, porque “embora o fato de transmitir informações de outros lugares seja um conferidor de status para o veículo, (...) o noticioso que mais os motiva e agrada é o local, (...) por ser ele o que trata de assuntos de interesse mais próximo do espectador” (SILVA, 1985, p. 83).

Este crescimento juizforano traz modificações positivas (como a prosperidade econômica) e negativas (por exemplo, a violência) para a sociedade. Flávio Lins, que trabalha há 20 anos ininterruptos com arte gráfica em telejornal, já repara um aumento da quantidade de matérias policiais e um crescimento de reconstituições de crimes. “Na TV Tiradentes, era uma arte com retrato de bandido a cada seis meses. A partir do ano 2000, essa mudança é surpreendente. Mudou o nosso entorno, os profissionais mudaram e a turma mais nova vem dando destaque maior para a violência” (LINS, 2008). Na década de 1990, ele contabilizou apenas três eventos policiais de destaque¹⁰, ao contrário dos tempos atuais. Trabalhando desde 1999 na TV Panorama, ele já teve semana com três reconstituições.

O papel da mídia é de explicitar e de retratar essas transformações que vão criando uma realidade social, que “(...) é apresentada como total quando muitas notícias sobre poucos assuntos são apresentadas. Esses mecanismos provocam uma profunda

¹⁰ Os três casos foram: o maníaco das idosas, um acidente envolvendo um fusca e uma picape, e o seqüestro da Rua das Margaridas.



imobilidade, tanto física como mental” (CASTRO, 1994, p. 112 e p. 113 in RAMOS).

O professor da Faculdade de Comunicação da UFJF e cientista político Paulo Roberto Figueira Leal questiona que

a aparição sistemática na mídia provavelmente reforça essa percepção da violência como algo inevitável e sempre admissível, reforçando a "cultura da violência". A questão de fundo, contudo, não é se a violência deve ou não receber atenção da mídia, mas sim o modo como essa atenção se dá. Se a cobertura jornalística sobre violência servir à sociedade para que se discutam as causas de fundo, se permitir a que a sociedade se politize, tudo bem. O problema é quando ela é tratada como mero espetáculo que nos atrai pelo grotesco, de modo despolitizado e desmobilizante (2008).

Desse processo, surgem uma tolerância à violência da sociedade em geral, e um desejo constante de assistir a essas matérias da editoria de cidade e de polícia por parte das classes mais baixas. Este último quesito, muitas das vezes, é considerado negativo. “Todavia, como os interlocutores moram num bairro afastado do centro, que possui os problemas comuns ao de qualquer periferia (...), por isso fazem questão que os jornais retratem essa realidade e ajude na busca por soluções de seus problemas comunitários” (BATISTA, 2006, p.45). Nesse sentido, a TV avigora a sua força que abrange a oferta diária de

(...) um conjunto de programas, ao mesmo tempo idênticos e diferentes, que o espectador escolhe de maneira ao mesmo tempo idêntica e diferente. Seu caráter democrático vem do fato de que cada um sabe que os programas estão ali, visíveis, que ele assiste se quiser, sabendo que outros assistirão simultaneamente, o que é uma forma de comunicação constitutiva do laço social (WOLTON, 1990, p.113).

No nosso caso, o laço social une as pessoas e estas passam a acreditar que Juiz de Fora está cada vez mais perigosa e violenta. O excesso de informação cria a sensação de estarmos vivendo numa situação quase caótica. A violência cresce, é verdade, mas isso é transmitido com a idéia de que está pior. Ninguém se detém no fato de que ainda é possível caminhar à noite por certos bairros da cidade. O medo nasce, em função do telejornal e do seu modo de agir que “acaba sendo o de recolher as notícias na realidade e criar uma nova realidade com as notícias recolhidas” (MARCONDES FILHO, 1988, p.56).

As matérias e os destaques policiais interferem nas narrativas da população, e é por isso que a forma como são trabalhadas as histórias na mídia precisa ser repensada todo o tempo. Por mais que a editora-geral pense que

não é a matéria que interfere, é o que acontece. Se existe muito caso de violência, a gente tem que mostrar. (...) Juiz de Fora não é mais a mesma. Juiz de Fora há anos atrás era completamente diferente nesses termos de violência



do que é hoje, mas você tem que mostrar, porque acontece. Mas você não vai mostrar de uma forma crua (BARA, 2008).

Fica claro que a mídia quer cumprir o seu papel de denunciar, mas na prática “a notícia reforça normas sociais estabelecidas, diminui o tempo de reação e dá a ilusão de participação ao espectador. O processo de construção de notícias, portanto, homogeneiza o conteúdo, padroniza o público, cria estereótipos e forma mitos” (CASTRO, 1994, p. 90, in RAMOS).

A obsessão pelas matérias policiais é legitimada com “(...) os resultados de pesquisas que mostram os altos índices de audiências de programas com um grau elevado de violência, procurando legitimar quantitativamente o que na realidade é um problema qualitativo” (CONTRERA, 2002, p.98). A violência não deve ser vista através de números e de elevados níveis de caso. É por isso que ela é apresentada através do caráter de espetáculo que só prima pela audiência. Na verdade, os meios de comunicação deveriam repassá-la com alto grau de questionamento, mas a rapidez e o não aprofundamento impedem que a população discuta e reflita. O envolvimento recai no drama alheio e no sofrimento do outro, mas não na busca de soluções.

Como explicitou Muniz Sodré (1985, p.68), os produtores de televisão buscam dar ao público o que ele quer. Esta escolha mostra que a TV se torna um instrumento de entretenimento, em detrimento do seu papel social de reflexão e questionamento. A consciência existe, e é evidente nas palavras de Gilze Bara sobre a participação da televisão na formação da identidade juizforana:

Construir, a gente não constrói, a gente ajuda a construir. Mostrando as coisas que acontecem na cidade, mostrando a cidade com o que ela tem de bom, o que ela tem de ruim, as características da cidade, as características do povo da cidade. Assim, a gente dá os elementos, o material para que essa identidade se construa ou para que as pessoas construam as identidades da cidade. É um meio, fornecendo aquilo que vai fazer com essa identidade se construa (2008).

Porém, o que falta é a ação para evitar que a mídia televisiva só trabalhe com sentimentos vazios e continue propagando a idéia de que nada pode mudar, ou seja, de que “a violência banalizou-se e se cotidianizou de tal modo que parece possível falar numa ‘cultura da violência’, na qual as respostas violentas estão de antemão legitimadas concreta e simbolicamente e tratadas como naturais” (LEAL, 2008).

Considerações finais



A televisão é um veículo novo, mas desempenha um grande papel na comunicação. A grande maioria das pessoas é informada por ela e garantem veracidade ao ocorrido, porque este foi visto através da telinha. Isto se tornou possível por causa de vários quesitos, entre eles, o fácil acesso, a linguagem simples e a sedução provocada pelas imagens. Não somos reféns dela, porém, estamos ligados e sintonizados ao que ela transmite.

Por isso, é de grande responsabilidade do jornalista pensar constantemente se a cobertura que ele dá a um fato está contribuindo para a sociedade. A violência paira por todos os lados e precisa ser retratada para que seja combatida. No entanto, as matérias relacionadas a esta temática não devem apresentar julgamentos, estereótipos e exageros, porque estarão a serviço de ninguém, e o jornalismo, embora seja considerado o quarto poder, é, na verdade, o advogado de uma população, defendendo-a e combatendo as mazelas e os problemas. O objetivo é analisar sempre, a fim de que o papel seja cumprido, porque a responsabilidade é grande. Lidamos com a verdade, e ela sempre aparece de alguma forma.

Referências Bibliográficas

AMERICANO, Álvaro. Entrevista concedida à acadêmica Nina Scafutto. Juiz de Fora, 2008.

BARA, Gilze. Entrevista concedida ao autor. Juiz de Fora, 2008.

BATISTA, Vanessa Peixoto. **MGTV e Jornal da Alterosa**: seus telespectadores em destaque. Monografia apresentada em 2006 na Faculdade de Comunicação Social da UFJF.

CONTRERA, Malena Segura. **Mídia e pânico**: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2002.

COSTA, Belarmino César Guimarães. **Estética da Violência** – jornalismo e produção de sentidos. Ed. Autores Associados, 2002.

COUTINHO, Iluska. **Celebração no telejornalismo local**: a festa de N. Sra. Aparecida na TV em Juiz de Fora. Trabalho apresentado ao GT7: “Comunicação sonora e audiovisual” – IX Celacom 2005.

CRIMINOLOGIA, Instituto Carioca de. **Discursos sediciosos** – Crime, Direito e Sociedade. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2002.

DAMASCENO, Ana Luisa. Entrevista concedida ao autor. Juiz de Fora, 2008.

GLEIK, Edelson. Entrevista concedida ao autor. Juiz de Fora, 2008.



- LEAL, Paulo Roberto Figueira. Entrevista concedida ao autor. Juiz de Fora, 2008.
- LINS, Flávio. Entrevista concedida ao autor. Juiz de Fora, 2008.
- LUCCHESI, Gesane. Entrevista concedida ao autor. Juiz de Fora, 2008.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão, a vida pelo vídeo**. São Paulo: Editora Moderna, 1988.
- _____. **A saga dos cães perdidos**. 2ª. ed., São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- MENDONÇA, Kleber. **A punição pela audiência**: um estudo do Linha Direta. Quartet editora, 2002.
- MUNIZ SODRÉ. **A comunicação do grotesco** – introdução à cultura de massa brasileira. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.
- RAMOS, Silva (org.). **Mídia e violência** – seminário realizado no Hotel Glória, Rio de Janeiro, RJ, 1º. e 2 de julho de 1993. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1994.
- SANTOS, André. Entrevista cedida ao autor. Juiz de Fora, 2008.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito além do Jardim Botânico**. São Paulo: Summus, 1985.
- WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público** – uma teoria crítica da televisão. Ed. Ática, 1990.